

ABES-RS

Ciclo de Debates 2014

Repensando o desenvolvimento sustentável do Rio Grande do Sul frente às ferramentas de trabalho do Século XXI

3º Encontro 4/12/2014

Faculdade Decision/FGV - Av. Praia de Belas, 1510

O Uso das redes virtuais na multiplicação dos conceitos ambientais

O Jornalismo Ambiental e as mídias sociais

por **João Batista Santafé Aguiar,**
jornalista

formado em 1981 na FAMECOS/PUC. Ex-diretor da **AGAPAN, Cooperativa Colmeia e Pangea - Associação Ambientalista**. Como voluntário, assessorou diversas entidades do movimento ambientalista gaúcho. Foi editor do periódico **AgirAzul** e presidente do **Núcleo de Ecojornalistas do RS - NEJRS**. Mantém site sobre Jornalismo Ambiental no Brasil e no Mundo. Participa da administração voluntária da **Rede Brasileira de Jornalismo Ambiental**.

Agradeço o convite para participar deste encontro da ABES-RS. Confesso que nunca acompanhei os andares desta Associação diretamente, como jornalista e militante ambientalista, embora sabedor dos valiosos investimentos em educação e informação de qualidade sobre este tema que diz respeito a todos nós que é saneamento, no que existe de melhor que é justamente a vinculação entre a vida em sociedade e a saúde.

O tema proposto é "as redes sociais e o jornalismo ambiental". E o Ciclo de Debates deste ano trata de propor o repensar o desenvolvimento sustentável frente às novas ferramentas de trabalho do Século XXI. O encontro específico é realizado sobre o tema *uso das redes virtuais na multiplicação dos conceitos de saneamento ambiental*.

A profundidade que a mídia trata o saneamento ambiental aparenta ser a mesma que outros temas -, ou seja, superficialmente. E tem que ser assim? Está faltando elementos nessa 'rede informativa' ? Falta interesse público sobre a matéria?

Como dito no ótimo *Redes - Uma Introdução às Dinâmicas da Conectividade e da Auto-Organização*, de Cássio Martinho, editado pela rede WWF Brasil, *redes estão em todo lugar - falamos de redes celulares, de redes neurais artificiais, de redes sociais, de redes organizacionais, de sociedade-rede, de empresa-rede, de marketing-de-rede, de trabalho em rede, de rede de redes.*

Também citando a mesma obra, *por outro lado, é esse mesmo momento histórico analisado por Manuel Castells que acelera a fundação de uma sociedade civil global, da qual são expressões marcantes as manifestações de Seattle, Praga e Gênova contra a Organização Mundial do Comércio e a globalização capitalista (mobilizações organizadas por meio de redes!) e o Fórum Social Mundial, de Porto Alegre. Do mesmo modo que o desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação permitiu o desvairado e incontrolável fluxo de capitais pelo planeta, agilizou também a articulação de uma variedade enorme de movimentos sociais e organizações da sociedade civil - a começar, pelo seu pioneirismo, das redes ambientalistas.*

Ou seja, a rede a que nos referimos quando usamos a expressão 'rede', hoje em dia, basicamente a 'Internet', traz resultados e movimentando o mundo real. O mesmo pôde se verificar nas manifestações públicas aqui no Brasil, no ano passado.

Redes são fenômenos coletivos, isto é, sua dinâmica implica no relacionamento no âmbito dos grupos

No Brasil, o conceito de rede pode ser aplicado aos jornalistas que trabalham questões de meio ambiente e qualidade de vida desde 1998, muito depois da Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente e Desenvolvimento, realizada no Rio de Janeiro, em 1992. Fundou-se a Rede Brasileira de Jornalismo Ambiental, ainda hoje super-atuante, reunindo apenas jornalistas e estudantes de jornalismo.

Da mesma forma que sobre saneamento, o entendimento sobre as especificidades do jornalismo na área ambiental também não é de fácil compreensão. Não se trata de jornalismo de simples notícia do fato.

Cristiano dos Santos Muniz, em sua dissertação de conclusão do curso de Jornalismo, em 2009, constata que *o jornalismo ambiental propõe uma superação do modelo noticiarista, na medida em que (...) coaduna com postulados complexos, sis-*

têmicos e ecológicos, os quais demandam a contextualização dos fatos para uma compreensão holística da realidade.

Ou seja, fazer jornalismo ambiental não é rápido e nem é superficial. Cristiano sugere que *o jornalista ambiental, em suas reportagens, deve praticar um jornalismo socialmente engajado, capaz de denunciar as injustiças e os danos à natureza cometidos pelos poderosos, bem como suas estratégias para 'limpar' a imagem, com a hipocrisia de seu marketing verde.*

E continua: *A internet abre novas perspectivas para a prática do ecojornalismo. No contexto gaúcho, a experiência da Ecoagência Solidária de Notícias Ambientais e seu portal mundial na rede mundial de computadores deve servir como estímulo para que os ecojornalistas se organizem e busques seus espaços na nova mídia, constituindo-se como um contraponto à abordagem superficial e apressada da temática ambiental apresentada cotidianamente pela imprensa hegemônica atrelada ao cânone noticiaria. As possibilidades multimídias propiciadas pela internet devem ser exploradas pelos profissionais de jornalismo ambiental: as novas técnicas podem ser empregadas para a complexificação da cobertura dos temas ligados ao meio ambiente, ressaltando o caráter complementar das diversas mídias.*

E este é um fenômeno recente. Há formas e mais formas de a pessoa informar-se.

Notícias sobre saneamento estão também neste mesmo contexto. Como seria um jornalismo sério a respeito? Emprestando também valor à complexidade....Por exemplo: qual modelo mental aplicado à construção de grandes estações de tratamento de esgotos de Porto Alegre? Não havia quem propusesse pequenas estações, nas casas ou em conjuntos de casas? Quais outros modelos de tratamento de esgotos existem no mundo? Há um lugar em que, pela edificação, etc, não se produza esgoto? Ou não se lance esgoto para o meio-ambiente?

Não estaria havendo justamente 'falta de rede' na questão do saneamento? A comunicação em rede é extremamente horizontal - um se liga com o outro diretamente e assim vai crescendo o numero de participantes. E assim vai se produzindo também oportunidades de aprofundamento dos argumentos a partir de pessoas que fujam a determinados modelos mentais...

Os jornalistas que trabalham questões ambientais no Brasil estão procurando fazer o que podem para aprofundar o seu trabalho. Criaram a Rede. Criaram tam-

bém a possibilidade de distribuição de releases facilmente para divulgação de iniciativas na área - empresarial, governamental, terceiro setor. E há poucos anos estão também participando do Facebook.

Redes são fenômenos coletivos, destaca Martinho. Sua dinâmica implica relacionamento no âmbito dos grupos, sejam eles conjuntos de proteínas, células, espécies, sítios na Internet, pessoas ou comunidades, continuou.

No entanto, claro, não basta integrar uma rede para fazer número. Assim como numa mesa de bar em que os amigos formam uma rede todo o fim de semana para beber um chopp, jogar cartas, ou conversar livremente, é necessário a participação efetiva. Cada 'nó' na Rede só efetivamente está em rede se 'recebe, reflete, transmite' para outro 'nó' da Rede.

Outra idéia disposta no livro de Martinho, editada pela WWF Brasil – idéia ou fato – é que quando alguém manifesta alguma solicitação na lista de discussão, ou no Facebook, , ou noutra ferramenta, este 'acionamento da rede' põe em ação uma *dinâmica da comunidade*.

Estas são colocações iniciais sobre o tema. Podemos conversar agora.

===***===